

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CICERO DANIEL ARAÚJO BARBOSA

TRAÇOS URBANOS: A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DE JUVENIS E SUAS RELAÇÕES
COM A TRANSGRESSÃO DENTRO DA PIXAÇÃO

TRAÇOS URBANOS: a construção de identidades juvenis e suas relações com a transgressão dentro da pixação

Cícero Daniel Araújo Barbosa¹

Larissa Maria Linard Ramalho²

RESUMO

Este artigo é uma explanação teórica que busca enquanto objetivo levantar indicações e entendimentos de como se consolida a construção de identidades juvenis-transgressoras, dentro do movimento de pixação urbana. A pixação é uma subcultura que tem sua prática espalhada por diversas cidades de médio e grande porte, caracterizada por traços e riscos subversivos que marcam superfícies. Fazer um levantamento dos aspectos psicológicos e sociais que fomentam o adolescente que faz parte desse contexto transgressivo é importante para se entender melhor tal fenômeno. Com isso é apresentado no trabalho o contexto histórico que influencia o surgimento da pixação, acompanhado da identificação dos aspectos psicossociais que formam a identidade do adolescente pixador e por ultimo uma análise de como essas identidades assumem o caráter transgressor através da pixação. A pesquisa possui uma abordagem qualitativa, de objetivo exploratório, classificada enquanto bibliográfica. O artigo mostra a importância que os fenômenos de agrupamentos juvenis, como a pixação, têm para o desenvolvimento da identidade do adolescente, partindo da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erikson. E aborda também como o adolescente junto com seus pares veem no transgredir da pixação uma espécie de canal de expressão por onde passam a ter reconhecimento e atuação, frente a negação da cidade que lhes foi dado.

Palavras-chave: Pixação. Identidade. Transgressão.

ABSTRACT

This article is a theoretical explanation that seeks, as goal, to raise understandings and indications of how the youth-transgressing identity construct consolidates, inside the urban graffiti movement. The Graffiti is a subculture that has its practice spread all

¹ Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO). E-mail: danielaraujo922@yahoo.com.br.

² Mestranda em Desenvolvimento Regional Sustentável pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal do Cariri E-mail: larissaramalho@leaosampaio.edu.br.

over medium and large scale cities, characterized as subversive traces and lines that marks surfaces. It is important to do an assessment of the psychological and social aspects that fosters the teenager that is encapsulated in this transgressive context, in a way to understand the phenomenon as a whole. That being said, this current work presents the historical context that impact on the emergence of graffiti, alongside the identification o psychosocial aspects that builds the teenager graffiter identity, and, at last, an analysis on how these identities assumes a transgressive character through the graffiti. This research has a qualitative approach, of exploratory subject, classified as bibliographic. The article demonstrates the importance that the youth groupings phenomenon, as graffiti, has to the development of the teen identity, starting from Erikson Psychosocial Development Theory. In addition, address as well, how a teenager among his pairs, see on graffiti transgression some kind of expression channel where they can be recognized and act, towards the negation of the city that has been given to them.

Key Words: Graffiti; Identity; Transgression.

1 INTRODUÇÃO

A intenção de escrever sobre a prática da pixação urbana surge de uma necessidade pessoal de adentrar teoricamente numa temática pouco percorrida pela psicologia. Dentro da área acadêmica é um tema mais analisado pelas ciências sociais. Precisamente pretende-se explorar e entender como a subcultura da pixação impacta na formação identitária de jovens que atuam dentro do contexto urbano.

Nesse sentido, o objetivo geral é investigar como se consolida a construção de identidades juvenis-transgressoras dentro do movimento da pixação urbana. Enquanto objetivos específicos serão destacados a compreensão das origens e inspirações que consolidam a prática da pixação; a identificação dos aspectos psicossociais que influenciam na formação identitária do adolescente pixador; e analisar como essas identidades assumem a transgressão através da pixação. Os capítulos estão estruturados de acordo para atender cada qual um objetivo específico, de tal forma que ficou estruturado da seguinte maneira: “Origens da pixação urbana”; “Aspectos identitários do adolescente pixador”; e “Pixo, sujeito e transgressão”.

A pixação enquanto fenômeno é vista atualmente como uma prática transgressora que se alastra dentro do contexto urbano nacional, produzindo e espalhando escritos cifrados pelas superfícies das médias e grandes cidades, desde prédios a locais públicos. A dimensão psicossocial desse fenômeno engloba processos identitários de seus autores, na sua maioria adolescentes, com aspectos relacionados à transgressão, tanto em sua origem como na sua prática (SILVEIRA, 1991).

O curioso na pixação, é que assim como os *outdoors* ou informes publicitários espalhados pelas cidades que conversam com o leitor, a pixação também informa, também quer ser vista, mas ao contrário da publicidade não faz questão de ser legível e cativante. A pixação em seu cerne parece fazer questão de ser suja, agressiva, sem elaboração estética, e interessada em se comunicar apenas entre si. Esses escritos, de traços estranhos e abruptos, em sua maioria feitos com tinta preta por quem se intitula pixador, parece haver apenas sentido para quem é também pixador, conhecedor ou simpatizante dessa subcultura.

Por ser uma prática socialmente marginalizada, tendo em vista motivos como a estética excêntrica e a atitude agressiva e desrespeitosa que produz danos a patrimônios públicos e privados, é importante parar para pensar o que produz esse fenômeno. O que existe no campo social que produz práticas como essa? Que aspectos psicológicos regem o campo da individualidade desses sujeitos pixadores, que quando se expressam precisam ser tão agressivos?

2 METODOLOGIA

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa que utilizou uma abordagem qualitativa, uma vez que se preocupou com o aprofundamento da compreensão ou explicação de determinado fato, mas sem o interesse na representatividade numérica. A sua natureza consiste em uma pesquisa básica que buscou gerar novos conhecimentos, mas sem uma aplicação prática prevista. Esta por sua vez caracteriza-se por ser exploratória, pois procurou gerar maior familiaridade com o problema indicado, de forma a torná-lo mais explícito de acordo com as hipóteses levantadas (GIL, 2010).

O procedimento utilizado no estudo se classifica como bibliográfico. Isto porque foi realizado um levantamento de referências teóricas já analisadas, por meio

de fontes publicadas em livros, artigos, dissertações ou teses. As técnicas para coletar os dados pautaram-se na elaboração de um plano de trabalho o qual exigiu uma leitura aprofundada sobre o tema, visando assim aclamar os principais conceitos e ideias, palavras chaves, o problema da pesquisa, os objetivos e as hipóteses. Assim o material selecionado, bem como as respectivas análises, foram organizados em relatório de pesquisa referente ao estudo do trabalho de conclusão de curso realizado (GIL, 2010).

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 ORIGENS DA PIXAÇÃO URBANA

A pixação, fenômeno caracterizado pela contestação de valores, espontaneidade e efemeridade, é uma prática que atua e modifica o espaço urbano através de letras ou símbolos que carregam consigo significados variados. O ato de pixar vem ao longo dos anos, em diferentes localidades, principalmente nos grandes centros urbanos, marcando superfícies em diferentes contextos (SOUZA, 2007). Nesse sentido, é importante a apresentação e desenvolvimento da perspectiva histórica dessa atividade, no intuito de melhor explicar e balizar esse fenômeno contemporâneo.

A segunda guerra mundial, ocorrida entre os anos de 1939 e 1945, além de se caracterizar enquanto a maior mazela civilizatória do século XX proporcionou avanços significativos dos meios industriais e biotecnológicos, em que uma série de produtos surgiram ou foram aprimorados, entre tais o começo da fabricação de materiais em aerossol. Com isso, a produção de tintas *sprays* passou a proporcionar maior agilidade e mobilidade a quem desejava discorrer qualquer tipo de traço sob qualquer superfície (SOUZA, 2007).

Assumindo um caráter subversivo a cultura de massa, cada vez mais reproduzida e aprimorada na segunda metade do século XX, a pixação se apresenta em importantes contextos históricos no qual discursos de contestação, protesto ou resistência se fizeram enquanto marcas de atuação. Enquanto exemplo de tais fatos históricos temos a revolta estudantil de Paris, em maio de 1968, com estudantes pixando palavras de contestação contra o modelo educacional e valores morais vigentes da época; a resistência artística e estudantil à ditadura brasileira,

principalmente nas décadas de 1960 e 1970, que espalhavam pelas cidades pixações de protesto contra o regime militar; e os protestos que se somavam e marcavam com pixações o lado ocidental do muro de Berlim, na Alemanha, no final da guerra fria, nos anos 80 (CANCLINI, 2013).

Segundo Masson (2005), a pixação enquanto fenômeno contemporâneo, responsável pela intervenção urbana estética subversiva e apresentação dos traços tradicionais que conhecemos hoje, remete origem ao final dos anos 70 nos Estados Unidos da América, mais especificamente na região do *Bronx* na cidade de Nova Iorque. Nessa localidade, jovens que faziam parte de gangues de rua passaram a usar pixações como tática de demarcar seus territórios de atuação e ao mesmo tempo em alguns casos, criticar o sistema econômico da época. Confirmando a origem da pixação contemporânea, Arce (1999) traz a seguinte afirmação:

Iniciado em Nova York há duas décadas e meia, essa nova forma de uso dos espaços públicos foi desenvolvida de maneira importante por jovens afro-americanos e latinos norte-americanos, os quais causaram impacto na opinião pública por seu profuso desenvolvimento, intrigavam a sociedade global por seus códigos cifrados, indignaram os setores médios e altos por seu desafio à propriedade privada e por sua atitude iconoclasta (ARCE, 1999, p.126).

No Brasil, de acordo com o Documentário 'Pixo' (2009), a pixação se popularizou enquanto esse estilo próprio que vemos hoje, a partir da década de 1980 na cidade de São Paulo, associado ao Movimento *Punk* de periferia. No entanto, desde a década de 1960 já se reconhece outras formas de pixação no Brasil, marcando assim o seu início. Essa forma primária de pixo era voltada para o cunho político, prática de protesto que espalhava mensagens de resistência contra o regime ditatorial militar da época. Nos anos 1970 tal ato no Brasil passa a ficar marcado pelos escritos poéticos, para só então nos anos 1980 ganhar o aspecto clássico que se reconhece hoje. Atualmente no Brasil, a atividade aqui discutida está associada intimamente ao movimento hip hop.

Levando em conta a tipografia da pixação, Spinelli (2007) remete a sua origem associada às letras usadas por bandas de estilo *punk* e *heavy metal* que tiveram surgimento entre as décadas de 1970 e 1980, como exemplo a banda britânica *Iron Maiden*. Estas intitulavam seus nomes nas capas de seus álbuns inspiradas em alfabetos antigos, como o rúnico e o etrusco. Aí a ligação tipográfica

da pixação com formas de escritas já extintas. Tal base abre espaço para a pixação criar seu próprio alfabeto acompanhado de diversas formas e variação, desde letras a assinaturas, que reivindicam uma identidade específica na maneira de se manifestar enquanto escrita. Dessa forma, o pixador tem total liberdade para criar sua própria *tag*, assinatura ou pixo. Por abarcar uma série de variações tipográficas dentro do seu contexto, faz do ato de pixar um movimento heterogêneo e coletivo ao mesmo tempo, uma vez que a pluralidade estético-visual existente nessa subcultura reivindica paradoxalmente uma singularidade enquanto movimento (ZIMOVSKI, 2017).

Márcia Tiburi (2013) apresenta a reivindicação gramatical da palavra pixação com “x”, uma vez que a palavra discorrida com “ch” como se intitula no dicionário, não oferece suporte ao caráter transgressor da proposta e ato de pixar. Ao usar o “x” no lugar do “ch” se subverte estrategicamente a língua e a norma ortográfica, dando a palavra “pichação” autonomia própria para quebrar qualquer tipo de autorização que busque legitimar a sua validação, assim como o ato.

Canclini (2013), através de seu estudo sobre o tema menciona a pixação como um tipo de “cultura urbana” que não se define perante rótulos fixos populares, mas sim pelo o que ele chama de “processos desconsiderados”. É nesse sentido que segundo o referido autor, se “desmoronam todas as categorias e os pares de oposição convencionais (subalterno/hegemônico, tradicional/moderno)” (CANCLINI, 2013, p. 283-284).

3.2 ASPECTOS IDENTITÁRIOS DO ADOLESCENTE PIXADOR

Para compreendermos a formação identitária de adolescentes inclusos na prática da pixação urbana, podemos recorrer à teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erikson, que apresenta uma concepção de desenvolvimento da personalidade do sujeito pautada numa tríade que endossa o biológico, o social e o individual. Isso quer dizer que o desenvolvimento do indivíduo além de depender dos estágios biológicos inatos, cada um desse se configura a partir de uma interação social, levando em conta a integração com a experiência individual (PEREIRA, Antonio, 2005).

Campos (2012) contribui com o pensamento afirmando não ser possível compreender devidamente o desenvolvimento da adolescência, uma vez que se negligencia as mudanças biológicas associadas a cultura ao qual o indivíduo está imerso. No caso específico desse estudo, estreita-se o olhar para a subcultura¹ da pixação urbana ao qual o jovem uma vez incluso, influencia diretamente no desenvolvimento da sua identidade.

No cenário da pixação de rua é comum ver uma espécie de associativismo juvenil, o qual Souza (2007) descreve enquanto um fenômeno primário de interação de pares, que se baseia em valores inspirados em práticas que endossam o prestígio e o fortalecimento dos laços de solidariedade daqueles inseridos no grupo. Especificamente na pixação, esse associativismo é reforçado pelo aspecto da clandestinidade² frente práticas discurridas no espaço urbano.

Nesse contexto urbano caracterizado por uma configuração globalizada e massificante, atualmente cada vez mais “líquido”, como diria Bauman (2001), “[...] as experiências sociais dos jovens são vividas coletivamente mediante à construção de estilos de vida distintos, localizados fundamentalmente em tempo livre, ou em espaços intersticiais da vida institucional.” (PÀMPOLS, 1998, p.84).

Campos (2012) enfatiza a instabilidade e os desequilíbrios que o adolescente enfrenta na nossa cultura. O adolescente passa por diversas variações radicais que vão desde a disposição e coragem até receio e apatia, junto com uma série de conflitos afetivos, de valores religiosos, intelectualização e orientação sexual. Aberastury e Knobel (1981) denomina esse fenômeno semipatológico de “síndrome normal da adolescência”. Todo esse processo pelo qual o adolescente passa, se configura enquanto um embate maturacional que tem como propósito fortalecer a sua identidade (CAMPOS, 2012).

Inspirado no termo “tribos urbanas”, popularizado pelo Maffesoli a partir do seu livro “O tempo das Tribos” publicado em 1987, o antropólogo Magnani (1992) procura refletir e elencar alguns significados e formas de uso em que a expressão “tribo urbana” é associada aos personagens urbanos. A primeira ressalva feita pelo antropólogo é que a intitulação “tribos urbanas” deve ser entendida como uma

¹Conceito utilizado para fazer referência a um grupo de pessoas, geralmente minoritário, com um conjunto de características próprias.

²Característica do que é ilegal, ilícito ou imoral.

metáfora e não como categoria. E nesse sentido metafórico, está incluso no contexto de uma tribo é o mesmo que está diante dos seus iguais; a idealização de algo primitivo pode ser associada a identificação de grupos que em comum se comportam dissociativo aos demais; e o aspecto selvagem evoca o sentimento agressivo e antissocial, comum em ações de violência e vandalismo. Magnani (1992) segue afirmando que em equiparação as tribos indígenas que configuram uma vida comunitária permanentemente homogênea e coletiva, as tribos urbanas têm seus papéis flexibilizados diante de contextos e lugares diversificados, o que lhes garantem assumir o modelo de tribo somente em determinados períodos específicos. O que é exatamente como a pixação de rua se configura, uma vez que se encaixa dentro do fenômeno descrito e é um exemplo de tribo urbana. Os pixadores por desenvolverem uma prática mal vista pela sociedade e serem perseguidos pela ação vigilante policial, acabam não se expondo no papel de pixador o tempo todo, mantendo a discrição e as vezes desenvolvendo o papel apenas em períodos noturnos. O pixador também pode assumir ao longo do dia o papel de trabalhador comum ou estudante, ou skatista, evidenciando essa variação de papéis que as tribos urbanas têm como característica (SILVA, 2010; SOUZA, 2007).

Diante dos agrupamentos juvenis, Souza (2007) associa tal fenômeno a expressão de um estilo ou forma de consumo, ou atividades desempenhadas em momentos de ócio, configurando a maioria dos modelos culturais juvenis. Apesar da ideia ser mal vista ou ignorada pelos discursos moralistas, Pàmols (1998) indica a importância que os grupos juvenis possuem no desenvolvimento de funções positivas como a maturação da sociabilidade, além de “[...] construir uma precária identidade social, onde articulam estratégias para escapar aos sutis controles da cultura dominante.” (PÀMPOLS, 1998, p.121). Com isso, o pixador ao transitar pela cidade deixando suas marcas pelas superfícies, seja em muros, prédios, casas ou viadutos, públicos ou privados, sem autorização, descartando a imposição regulamentativa e preservativa da lei, pode estar tentando escapar dessa dominação e controle imposto pela sociedade adulta e seu sistema normativo, conservador do *status quo* (SOUZA, 2007).

Este sentimento rebelde de inconformidade com a realidade por parte dos jovens, Campos (2012) explica ser comum uma vez que nessa fase os adolescentes passam a abandonar o pensamento mágico, fabuloso, comum na fase da infância e

começam a pensar o mundo inspirados nas evidências dos fatores reais. O adolescente passa a se inspirar agora bem mais em situações de causa e efeito uma vez que lança olhar ao seu redor, ficando mais atento as contradições do mundo adulto. Essa evolução da capacidade de raciocínio do adolescente aumenta o seu espírito crítico, e o coloca em situação de desidealização muitas vezes com setores como a família, a escola ou sociedade em geral.

Yabushita e Martins (2006) apontam o fato que no mundo da pixação é comum enquanto prática a atuação não só de indivíduos com suas “tags” próprias, mas também de grupos que marcam “tags” referentes às intitulações próprias de cada grupo, caracterizando o que passa a ser chamado de “crew” ou “firma”³. Para Erikson (1972), essas características de organização e atuação intra e intergrupais apontam intensa inclinação a outros movimentos de pares e definem certo parâmetro de identidade psicossocial. O sentimento de pertencimento a determinado grupo é aspecto essencial na experiência e consolidação identitária dos adolescentes. Tal adolescente ao se relacionar com seus pares e com a sociedade acaba configurando um palco onde podem ensaiar, experimentando expressões e reações emocionais associadas ao processo de maturação de sua identidade (ERIKSON, 1972).

Essa tendência grupal uniforme ao qual o adolescente recorre, é um comportamento defensivo que lhe proporciona sensação de segurança e estima pessoal, uma vez que todos se identificam um com o outro. Ao grupo, o adolescente pode transferir parte da dependência que um dia vinculou aos seus pais ou estrutura familiar, e isso reforça a sensação de segurança que o jovem encontra nas estruturas grupais, que de tão importantes para essa fase chegam a ser transcendentais para os mesmos (CAMPOS, 2012).

No grupo de pixadores, experimenta-se o reconhecimento vinculado ao status, uma posição de importância no campo social, que não é dada pela sociedade comum, mais ampla. Dentro do mundo da pixação, o significado de ser pixador revela uma necessidade de expressar sua subjetividade, de se expor a riscos obtendo reações emocionais intensas, em que se busca notoriedade social, lazer e de alguma forma agredir e protestar (CEARÁ; DALGALARRONDO, 2008).

³Intitulação que é dada a um determinado grupo de pixação, denominado pelos próprios pixadores. Nome figurativo para grupo.

Em seu levantamento psicossocial, Ceará e Dalgalarro (2008) perceberam que a maioria dos pixadores são adolescentes que moram em regiões periféricas, afastadas dos grandes e médios centros urbanos. Tais jovens são marcados por uma lógica socioeconômica desigual e perversa, evidenciada no contraste em que suas condições reais de vida se configuram bastantes discrepantes em relação ao aparato de recursos mercadológicos e tecnológicos que suas cidades oferecem. Diante dessa condição incompatível, em que as possibilidades reais limitadas não conseguem alcançar os papéis sociais valorativos da sociedade de consumo, o jovem pode se encontrar dentro de um contexto em que sua crise de identidade pode ser intensificada, criando um mal estar frente ao mundo adulto (ERIKSON, 1972).

A limitação de ter poucas opções pode colocar o adolescente diante da experimentação de um tipo de fixação de papel, em que o mesmo percebe que é mais fácil se inclinar a algum tipo de identificação total com uma identidade mal vista socialmente, do que correr atrás de uma identidade aceitável, porém jamais atingível a partir das condições e recursos que possui (PEREIRA, Antonio, 2005).

Segundo Erikson (1972), as reações de repúdio e reprovação do meio possibilitam ainda mais a fomentação de modelos identitários possíveis de serem assumidos, ainda que mal vistos socialmente. Tais padrões que Erikson (1972) os intitula de identidades negativas são cobertas de notoriedade, ainda mais pelo incômodo e visibilidade que trazem consigo, como é o caso dos pixadores. Nessa circunstância, a marginalização e reprovação social passam a ser a base para uma nova identidade assumida, em que essa se apresenta como a única viável para quem talvez restasse apenas um insuportável vazio identitário.

3.3 PIXO, SUJEITO E TRANSGRESSÃO

A pixação, por ser uma prática reconhecida como ilegal⁴, força o sujeito que pratica tal ato a estabelecer uma relação diferenciada com o poder público, afirmando o caráter subversivo da atuação e marcando um impasse entre o

⁴ A lei que enquadra a pichação como ilegal é o artigo 163 do código penal brasileiro. Descreve-se como: “Dano - Art. 163 – Destruir, inutilizar ou deteriorar coisa alheia. Pena – detenção, de 1 (um) a 6 (seis) meses, ou multa”.

indivíduo e o Estado. Esse caráter transgressor que desafia a norma e almeja dominar e apropriar-se do patrimônio público ou privado para deixar sua assinatura, pode trazer relevâncias negativas para vida do sujeito que realiza a referida atividade no meio urbano (SPINELLI, 2007).

As relevâncias negativas que atingem o pixador urbano se configuram desde, as penas jurídicas que lhes impõe responder a processos, pagamentos de multas e trabalhos comunitários. O aspecto físico do corpo do pixador também fica a mercê da violência advinda de algum morador inspirado a fazer represália ou justiça com as próprias mãos, as vezes até com arma de fogo, como também e mais comum, a violência policial discorrida através de maus tratos físicos e banhos de tinta. E no sentido moral e cultural, o jovem que realiza a referida atividade é estigmatizado como delinquente, se tornando mal visto pela sua vizinhança, sendo exemplo negativo para a família e também sendo associado indevidamente a outras condutas desviantes como por exemplo, alguém que comete furtos (SPINELLI, 2007).

O caráter transgressor da lei que a pixação prega, faz com que a marginalização passe a ser o espectro que circunda o pixador, subjugado a partir do olhar das instituições de controle, como o Estado e a própria sociedade em geral. O termo marginalidade advém daquele que se encontra transviado do social, implicando numa falta de inserção participativa na sociedade ocupacional produtiva. Logo, no caso do sujeito que pixa, o mesmo passa a se caracterizar como um transviado que emerge de uma subcultura consequentemente marginal (PERLMAN, 1977).

Campos (2012) apresenta a sociedade como uma estrutura criada a partir de um aglomerado sistemático de leis, regras, tradições, costumes e práticas que possuem o intuito de regular e conservar os valores comumente pré-estabelecidos e aceitos. Esse padrão social de comportamento é exatamente o que molda a cultura da sociedade. Logo, percebe-se que qualquer conduta que se apresente diferente a norma social está fadada a esbarrar nessa restrição regulamentadora que visa combater qualquer ameaça ao *status quo*. E o fato da pixação ser essa espécie de ameaça ao modelo comum de tecido social, faz dela algo tão perturbadora e combatida pelo Estado e seu aparato policial e jurídico, e também pela sociedade em geral que tem em si esse sentimento de conservação internalizada em seu cerne (SEGRE, 1996).

Bertol e Souza (2010) evidenciam a transgressão como sendo uma palavra diretamente associada à quebra de algum tipo de norma, como também o ato de ir além ou ultrapassar limites. E é exatamente essa característica transgressora que Pereira, Alexandre (2005) acusa como sendo o aspecto que mais se destaca em um grupo de pixadores. Nesse sentido, os adolescentes que fazem parte desse tipo de agrupamento não estão apenas sendo contrários a cultura dominante, mas como também em meio a um processo crítico associado aos aspectos psicológicos da identidade, estão se identificando com a subcultura transgressora (PETRELLI, 2000).

Uma vez que não é possível estar dentro dos padrões da cultura dominante, os jovens pixadores enxergam na transgressão do ato de pixar uma espécie de um novo sistema de atuação que uma vez inclusos, podem se sentir especiais ou bons em algo, mesmo que sejam infringindo às leis (LEÃO, 2007).

A violação dessas leis ou normas da conduta social as quais os jovens pixadores transgridem, tende a se tornar uma espécie de força reguladora responsável por guiar as relações e interações dos grupos juvenis, proporcionando em muitas situações uma estrutura de sociabilidade delinquente, em que a atividade desviante passa a ser quase que incondicionalmente admirada, tanto no seu ato quanto no resultado e repercussão. Nessa subcultura, aquele que pixa então passa a buscar admiração por parte dos seus pares pelo viés do ato de transgredir a lei, visto que marca cada vez mais o espaço urbano com sua marca ou *tag*⁵. Com isso os pixadores compartilham de uma busca por prestígio social ao qual a sociabilidade se sustenta nos atos e resultados de uma prática completamente desviante (SOUZA, 2007).

Segundo Soares (2013) a exposição social em que os grupos de pixadores se encontram, tende a fortalecer ainda mais os integrantes e seus grupos homogêneos pautados na mesma prática desviante. Sobre o fortalecimento da identidade desses grupos, Becker (2008) afirma:

Membros de grupos desviantes organizados têm, claro, algo em comum: o desvio. Ele lhes dá um sentimento de destino comum, de estar no mesmo barco. A partir desse sentimento de destino comum, da necessidade de enfrentar os mesmos problemas, desenvolve-se uma cultura desviante: um conjunto de perspectiva e entendimentos sobre como se deve lidar com ele – e um conjunto de atividades rotineiras baseadas nessas perspectivas. O

⁵Assinatura ou marca feita pelo pixador.

pertencimento a um grupo desse tipo solidifica a identidade desviante (BECKER, 2008, p.47-48).

Leão (2007) fala que esse desvio do ato infracionário que define as vezes uma identidade e solidifica uma cultura também desviante, tende a enquadrar o jovem que realiza a ação dentro de um estigma de infrator ou criminoso que passa a acompanhá-lo ao decorrer da vida. Goffman (1988) define o estigma como um conceito extremamente depreciativo que associa a pessoa que a tem a um tipo de “defeito”, o que lhe diferencia negativamente das demais pessoas definidas como “normais” para a sociedade. Porém o referido autor complementa que a mesma ação que estigmatiza um sujeito em um contexto, pode transparecer normalidade em um contexto diferente. E é exatamente o que acontece com o jovem pixador, uma vez que é extremamente mal visto pela sociedade que lhe vincula estigmas negativos, mas que ao mesmo tempo em seu grupo ou pelo olhar da subcultura da pixação é aceito, bem visto e admirado. Isso nos faz pensar que o ato de pixar em si não é desonroso, mas a conjectura social que lhe lança olhar e está envolvida na situação que dita aprovação ou negação para a prática.

Soares (2005) em seus estudos e investigações a respeito de como os jovens se inserem em atividades desviantes, como o tráfico de drogas, por exemplo, apresenta um suposto de ideia que associa a prática infratora a uma causa que seria a demanda por reconhecimento, o que pode explicar parcialmente também a pixação. O mesmo sociólogo acusa haver nesses casos um afastamento ou escassez dos canais de expressão, responsáveis por possibilitarem a inserção efetiva dos jovens no cenário atuante da cidade. Aqui é preciso fazer uma ponderação quando se apresenta a pixação junto a outras práticas desviantes como o exemplo dado do tráfico de drogas. Isso porque ao analisar a pixação urbana, uma vez que diferente de papéis desviantes associados ao crime, como o tráfico e o roubo, a pixação não se caracteriza como violenta frente a pessoas comuns, ou seja, não causa danos a pessoas físicas, mas apenas a patrimônios, objetos e coisas. E seguindo as ponderações, o jovem pixador não busca o reconhecimento da sociedade em geral, como o jovem traficante pode buscar, mas apenas reconhecimento dos seus pares e no mais, de possíveis simpatizantes dessa subcultura marginal urbana.

A necessidade exacerbada de consumo, típica das grandes cidades ocidentais, associada à concentração de renda bastante comum em países de

terceiro mundo, e a segregação espacial geográfica que define guetos, favelas e periferias, proporcionam a invisibilidade que estimula o sujeito a se inserir em contextos e práticas ilegais como forma de reivindicar reconhecimento, na tentativa de ser percebido de alguma forma. Buscando compreender a pixação, a apresentação do argumento que evidencia a ausência de canais de expressão como a causa desse fenômeno urbano, parece ser bastante aplicável, ainda que seja importante entender o argumento como um sinalizador de compreensão, jamais uma definição ou compreensão exata do que define a pixação. Isso pelo fato de ter que lançar olhar para um fenômeno bastante complexo e também por não privilegiar a investigação da condição subjetiva, individual que entenderia o porquê de cada indivíduo ter escolhido se tornar pixador (SOARES, 2005).

Lefebvre (2008) expõe a concepção de haver uma espécie de direito à cidade que é digna a todo indivíduo, sendo preciso que haja em contrapartida a essa fragmentação que coloca pessoas à margem da cidade, canais de resistência que possibilitem a formação de um espaço que seja o oposto, ou seja, que inclua. Acaba que a pixação de certa forma, é esse canal de resistência e inclusão na cidade. Meio que como um retorno do recalçado, o pixador que foi empurrado para a margem da cidade, ou periferia, volta para o centro da cidade inspirado pela atividade transgressora de deixar sua marca a qualquer custo que a lei possa vir lhe cobrar. Com isso, o pixador não é só efeito de um furo do atual status sócio-democrático ou de uma fragmentação política, ele é ao mesmo tempo a reivindicação do contrário, uma contra-consciência estética (TIBURI, 2013).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou levantar algumas linhas de pensamento que ajudassem a entender como se consolida a formação da identidade do jovem pixador e sua relação com a transgressão dentro da pixação urbana. Usando como base inicial da pesquisa uma investigação histórica sobre as origens da pixação, se pode partir para uma exploração dos aspectos psicossociais que demarcam essa fase juvenil, com a contribuição de pensadores como o Erikson e seus estudos sobre identidade. Por último, foi evidenciado na pesquisa o caráter transgressor da pixação e como o sujeito que pratica tal ato assume essa transgressão em sua identidade, ao estar inserido nessa subcultura.

Observa-se a importância desse trabalho como uma forma de trazer para dentro da academia a abertura de discussão para um tema de cunho social tão polêmico e ainda pouco explorado pela área da psicologia. Ao destacar em alguns momentos o sujeito, no caso o jovem adolescente, do movimento da pixação em si, tão estudado pelos sociólogos, buscou-se dar um destaque para o indivíduo e a subjetividade, e como a psicologia lança olhar para a formação maturacional dessa identidade que embarca nessa subcultura do rabisco transgressor urbano. E por mais que as culturas marginais recebam quase que sempre um olhar depreciativo ou no mínimo excêntrico da sociedade em geral, cabe à academia enquanto espaço reflexivo, comprometida com a investigação fenomenológica que supera o superficial olhar dicotômico que fomenta o pensamento comum social, investigar e discutir cada vez mais tais fenômenos que a própria sociedade produz e insiste em varrer para debaixo do tapete, assim como uma indústria de longa escala de produção que descarta suas peças de refugo. O que não se dão conta, é que, uma vez a metáfora aplicada ao social, descartam-se de fato pessoas.

Descobriu-se com a pesquisa, a importância que os fenômenos de agrupamentos juvenis, assim como a pixação, possuem para o desenvolvimento maturacional da identidade do adolescente. Essa espécie de associativismo, como que uma tribo urbana, mesmo que se relacione com práticas desviantes, ainda assim proporciona convite para incursão de jovens que passam a se identificar e assumir papéis negativos, ou como intitula Erikson (1972), identidades negativas. Esse adolescente, na grande maioria das vezes, advindo de uma condição socioeconômica precária, empurrado para as periferias onde lhe foram negado direitos de atuação e expressão, vê na transgressão do ato de pixar uma maneira de ser visto e expressar o reprimido, e no seu grupo de pares, junto com outros pixadores, criar um sistema de valorização e prestígio que faz desta prática um canal de expressão que o leva direto ao centro notório da cidade, dando-lhe valor e condição identitária de poder se dizer ser alguém.

Para pesquisas futuras, pensa-se na possibilidade de lançar olhar para a pixação, ou melhor, para o sujeito pixador, a partir de teorias fenomenológicas-existenciais como a Gestalt-Terapia. Um olhar que pudesse a partir de recortes, compreender a condição de ser-no-mundo do pixador em relação com a cidade. Como se consolida a fronteira de contato, essa integração entre organismo/ambiente ou pixador/cidade, e seus ajustamentos criativos? Até porque a pixação

está ai, nas grandes cidades está em toda parte, é só sair e ver, goste ou não, ela está lá, efêmera e ao mesmo tempo constante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. 10. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ARCE, J. M. V. **Vida de barro duro: cultura popular juvenil e grafite**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BECKER, H. S. **Outsiders: estudos da sociologia do desvio**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BERTOL, C. E.; SOUZA, M. Transgressões e adolescência: individualismo, autonomia e representações identitárias. **Psicologia, ciência e profissão**, Brasília, v. 30, n. 4, p. 824-839, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932010000400012&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 15 maio 2019

CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da adolescência: normalidade e psicopatologia**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2013.

CEARÁ, A. T.; DALGALARRONDO, P. Jovens pichadores: perfil psicossocial, identidade e motivação. **Psicologia USP**. São Paulo, v. 19, n. 3, set. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772008000300002>. Acesso em: 20 maio 2019

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

PÀMPOLS, C. F **De juvenes, bandas y tribus**. 1. ed. Barcelona: Ariel, 1998.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOFFMAN, E. **Estigma**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

LEÃO, N. C. "Incríveis infratores": adolescentes estigmatizados em encontro com a Gestalt-Terapia. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v.13, n. 1, p. 51-61, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000100004>. Acesso em: 20 maio 2019.

LEFEBVRE, H. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MAGNANI, J. G. C. Tribos urbanas: metáfora ou categoria? Selvagens, desajustados? **Cadernos de Campo - Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia**. Departamento de Antropologia, FFLCH/USP, São Paulo, ano 2, nº 2, p. 48-51, 1992. Disponível em: <http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/tribos_urbanas.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

MASSON, J. R. **Pichadores de rua, territorialidades urbanas em conflito: territórios (in)visíveis de Goiânia**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/7993>>. Acesso em: 15 maio 2019.

PEREIRA, Alexandre. B. **De rolê pela cidade: os pixadores em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1556/1/tese.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2019.

PEREIRA, Antonio C. A. **O adolescente em desenvolvimento**. 1. ed. São Paulo: Harbra, 2005.

PERLMAN, J. E. **O mito da marginalidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PETRELLI, R. Transgredir é preciso. *In*: Monini, I. (Org). **Transgressão**. Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás, 2000. p. 07-12.

PIXO. Produção de João Wainer e Roberto T. Oliveira. São Paulo: Sindicato Paralelo, 2009. 1 DVD (61 min).

SEGRE, M. Introdução à criminologia. *In*: COHEN, C.; FERRAZ, F. C.; SEGRE, M. (Org.) **Saúde Mental, Crime e Justiça**. São Paulo: Edusp, 1996. p. 25-32.

SILVA, E. L. **A gente chega e se apropria do espaço! Graffiti e pichações demarcando espaços urbanos em Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/27057>>. Acesso em: 17 maio 2019.

SILVEIRA, N. E. **Superfícies alteradas: uma categoria dos grafites da cidade de São Paulo**. Dissertação de Mestrado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_a123429998957b6a1aad28560d402160>. Acesso em: 18 maio 2019.

SOARES, F. C. Pixação em Belo Horizonte: Identidade e transgressão como apropriação do espaço urbano. **Ponto Urbe**, São Paulo, v. 12, p. 1-16, 2013. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/565>>. Acesso em: 17 maio 2019.

SOARES, L. E. Invisibilidade. *In*: SOARES, L. E.; MV BILL; ATHAYDE, C. (Org). **Cabeça de Porco**. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2005.

SOUZA, D. C. A. **Pichação carioca: etnografia e uma proposta de entendimento.** Dissertação de Mestrado (Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp038541.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2019.

SPINELLI, L. Pichação e comunicação: um código sem regra. **Logos: Comunicação e conflitos urbanos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 26, p. 111-121, 2007. Disponível em: <<http://www.logos.uerj.br/PDFS/26/08lucianospen.pdf>>. Acesso em:

TIBURI, M. Direito Visual à Cidade. A estética da PiXação e o caso de São Paulo. **Revista do grupo de pesquisa Laboratório Urbano - PPG-AU/FAUFBA**, Salvador, v. 12, p. 39-53, 2013. Disponível em: <http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2013/12/redobra12_EN6_marcia.pdf>. Acesso em: 21 maio 2019.

YABUSHITA, I. J.; MARTINS, J. B. Ruídos na cidade pichações na cidade de Londrina – Aproximações... **Revista Athenea Digital**, Barcelona, v. 8, n. 9, p. 19-37, 2006. Disponível em: <https://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/6433/ssoar-athenea-2006-9-yabushita_et_al-ruídos_na_cidade_pichacoes_na.pdf?sequence=1&isAllowed=y&lnkname=ssoar-athenea-2006-9-yabushita_et_al-ruídos_na_cidade_pichacoes_na.pdf>. Acesso em: 21 maio 2019.

ZIMOVSKY, A. P. **Escrita Subversiva: A pichação paulistana e o campo da arte.** Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Instituto de Arte, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/174219>>. Acesso em: 21 maio 2019.